

III Simpósio Internacional de Música Ibero-Americana



Antimusicologia ou musicologia aplicada?

O caso de O grande governador da Ilha dos Lagartos

David Cranmer

CESEM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Qual é a missão do musicólogo



Onde se encaixa o musicólogo entre a comunidade científica e a comunidade no geral?

E onde se encaixa o intérprete?

Para que serve o rigor científico?

Onde termina a “leitura” de um texto (texto no sentido mais lato) e onde começa a fantasia sobre o mesmo?

Que lugar há para criatividade na musicologia?

Que atitudes deve-se assumir perante o “incompleto”?

Qual é o ponto em que o musicólogo desiste perante o não-existente?

Quer-se encenar



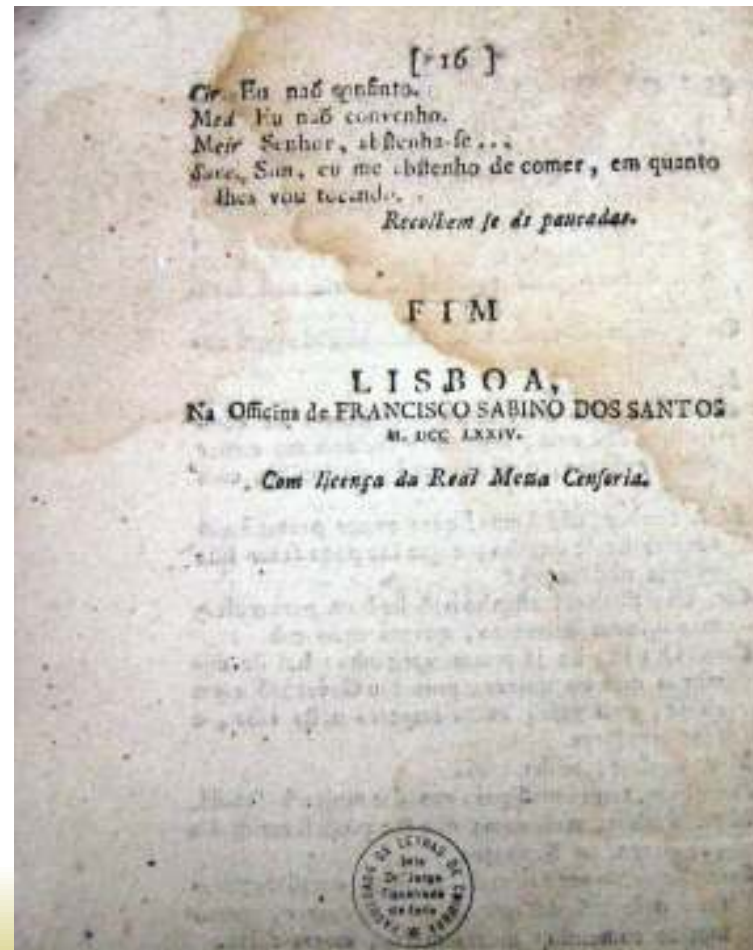
“Um entremez
do Judeu”

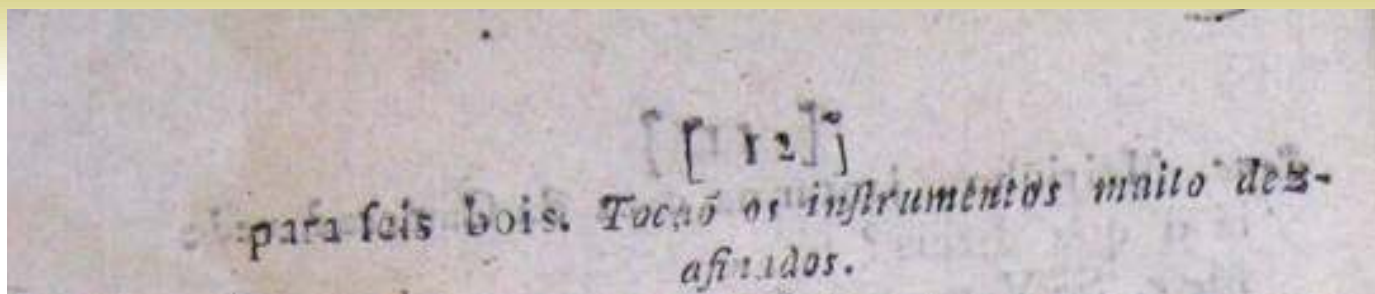
Opções do musicólogo perante a inexistência



1. Desistir
2. Procurar outro rumo, seguindo uma pista ...

Um entremez (1774) tirado da ópera
A vida do grande D. Quixote de la Mancha
e do gordo Sancho Pança
de António José da Silva (Lisboa, 1733)





Opções do musicólogo perante a inexistência:

1. Desistir
2. Procurar outro rumo, desta vez sem pista ...

Mudança de ponto de partida: práticas da época



O empresário diz:

Querem “um entremez do Judeu”. Neste caso, terão.

Texto temos – é só uma questão de o verificar e fazer os ajustes necessários.

Mais o que pretendem?

Que recursos temos para responder?

Precisamos de “cantorias”, mas quantas, quais, com que textos, onde se inserem?

E que música tocarão “os instrumentos muito desafinados”?

O musicólogo junta-se ao empresário



Decisões tomadas:

Recursos: 5 cantores, orquestra (2 ob, 2 cor, vl I e II, continuo – de preferência, fag, vlc, **cb e cravo**), bonecos e atores.

3 cantorias (2 árias e um quarteto final).

Sinfonia, minuete, 2 *intermezzi*.

Não usar música das 3 óperas que sobrevivem.

Tanto quanto possível, música da década de 1730.

Fidelidade às fontes disponíveis, tanto quanto possível, mas liberdade total, quando necessário, respeitando o mais possível, contudo, uma estética deste período.

Prazos: texto 6 semanas, resto 10 semanas.

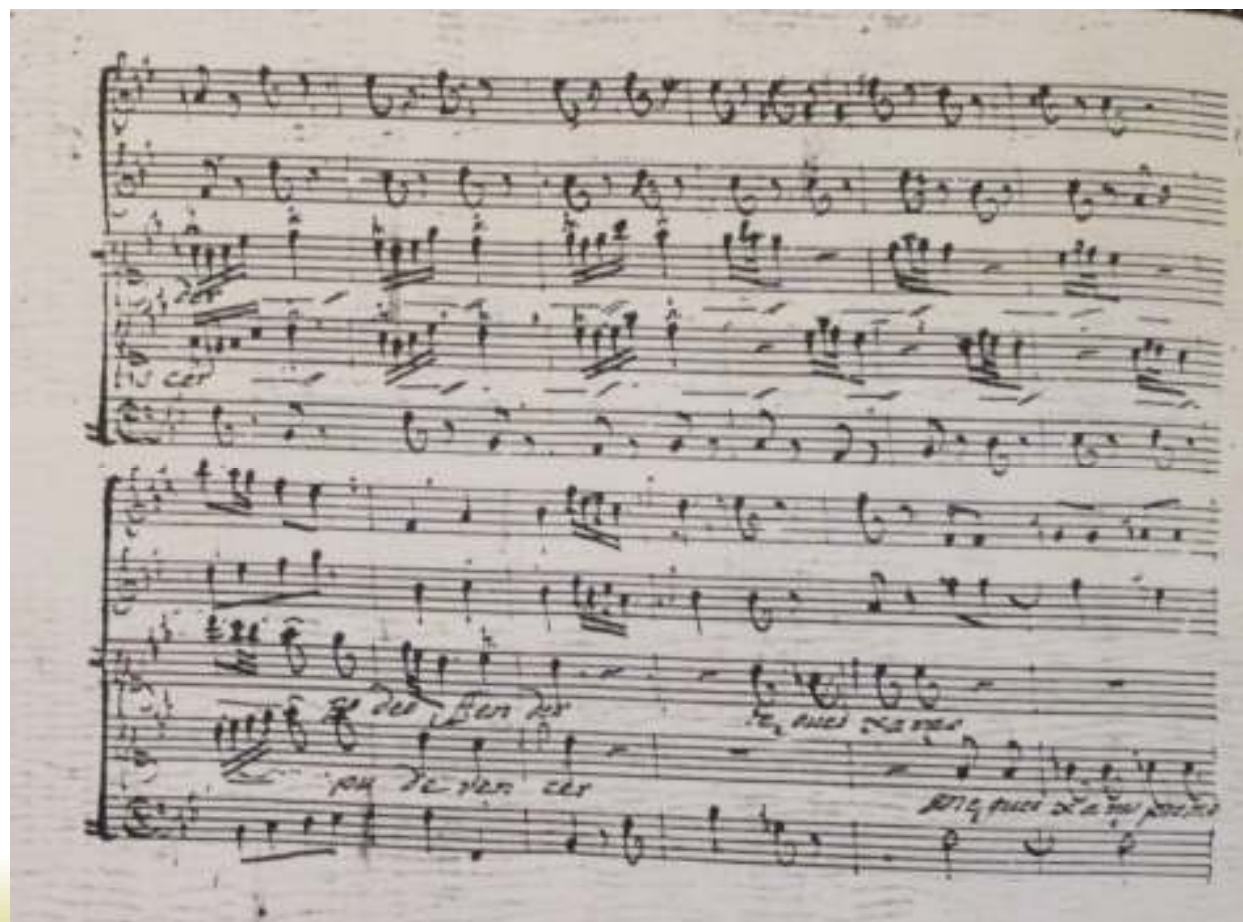
As músicas escolhidas – as fontes e o seu tratamento :

I - as cantorias



Cantoria	Fonte	Tratamento
1. Ária (mulher)	<i>P-Ln</i> (sem cota) Ária não identificada atribuída a António Teixeira: parte vocal, vl I (incompleta), basso	Transcrição criteriosa; reconstituição do que faltava de VI I e toda VI II; acomodação do texto circundante.
2. Ária (Sancho)	<i>P-EVp</i> (cód. CLI , 2-9) Ária não identificada; partitura (voz C1, 2 vl, basso) sem <i>ritornello</i> inicial	Transcrição criteriosa, mas transposta para barítono; reconstituição do <i>ritornello</i> inicial, acomodação do texto ao contexto, 2 trompas acrescentadas.
3. Quarteto final	<i>P-EVp</i> (cód. CLI , 2-9) Dueto não identificado, atribuído a Teixeira; partitura (2 vozes C1, 2 vl, basso), truncado	Transcrição criteriosa, mas transposta e para 4 vozes masculinas; 2 últimos compassos cortados e substituídos por repetição do <i>ritornello</i> inicial, texto substituído por completo, 2 oboés e 2 trompas acrescentados.

P-EVp (cód. CLI , 2-9) Dueto de Teixeira, truncado



As músicas escolhidas – as fontes e o seu tratamento : II – música instrumental



Número	Fonte	Tratamento
Sinfonia	<i>P-Ln Cantata Gloria, Fama, Virtù:</i> ária “Odo già della sua tromba”	<i>Ritornello</i> inicial; transcrição criteriosa, com junção de clarins e trompas
Intermezzo I (“sonata do burro”)	Sonata de Seixas, PM X, N.º 77	Orquestrada (2 ob, 2 cor, 2 vl, continuo); transposta meio-tom para baixo
Intermezzo II	Sonata de Seixas, PM X, N.º 66 “Minuete”	Orquestrada (2 vl, continuo)
Minuete (música muito desafinada)	Sonata de Seixas, PM X, N.º 43, Minuete	Orquestrada (2 cor, 2 vl, continuo)

Sonata "do burro" PM X, N.º 77

Allegro Carlos Seixas

77

5

[r]

The image displays a page of musical notation for the Sonata "do burro" by Carlos Seixas, starting at measure 77. The score is written for piano and consists of four systems of two staves each (treble and bass clef). The tempo is marked "Allegro". The key signature has two flats (B-flat and E-flat), and the time signature is common time (C). The first system (measures 77-80) features a complex, rhythmic melody in the right hand with many sixteenth notes, while the left hand plays a simpler accompaniment. The second system (measures 81-84) continues the melodic development in the right hand. The third system (measures 85-88) shows further melodic and rhythmic complexity. The fourth system (measures 89-92) concludes the page with a final cadence. A finger number "5" is written above the final note of the right hand in the second system, and a dynamic marking "[r]" is placed above a note in the third system.

A orquestra na realidade



Conforme os recursos, de facto, disponíveis

2 ~~oboés~~ oboés clarinetes

2 ~~trompas~~ trompas 1 ~~trompa~~ trompete + trombone 1

vl I

vl II

baixo contínuo (vlc, cb, fagote e cravo)

Qual é a missão do musicólogo



Onde se encaixa o musicólogo entre a comunidade científica e a comunidade no geral?

E onde se encaixa o intérprete?

Para que serve o rigor científico?

Onde termina a “leitura” de um texto (texto no sentido mais lato) e onde começa a fantasia sobre o mesmo?

Que lugar há para criatividade na musicologia?

Que atitudes deve-se assumir perante o “incompleto”?

Qual é o ponto em que o musicólogo desiste perante o não-existente?

III Simpósio Internacional de Música Ibero-Americana



Antimusicologia ou musicologia aplicada?

Obrigado!

David Cranmer
CESEM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa